

Encontros e tensões entre feminismos e intelectualidade no Brasil:
uma releitura do livro *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*,
de Heleieth Saffioti (1934-2010).

NATALIA PIETRA MÉNDEZ*

1. Introdução

Ao contrário do que o senso comum e parte da historiografia sustentam o feminismo no Brasil não possui uma evolução em etapas ou ondas.¹ A busca por uma lógica linear tende a obscurecer as diferentes expressões feministas ao longo do tempo. O olhar da história acaba por não se deter sobre o caráter descontínuo de práticas feministas ocorridas em espaços/tempos que não se enquadram nas conhecidas “primeira onda do feminismo” (final do século XIX e primeiras décadas do XX) e “segunda onda do feminismo” (meados dos anos de 1970, década de 1980).² Essa divisão cronológica aponta limites quando confrontada com o objeto deste trabalho. No espaço deste texto, proponho uma reflexão sobre os encontros e as tensões entre as teorias feministas e a intelectualidade brasileira através do livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, publicado em 1969, de autoria da socióloga Heleieth Saffioti. O livro será tomado como uma fonte na tentativa de problematizar os conflitos entre o pensamento feminista e o campo intelectual brasileiro. Situo meu trabalho dentro de uma perspectiva de realizar um contraponto a uma retórica do pensamento feminista ocidental que tenta contar sua própria história como se ela fosse uma marcha de progressos e perdas. (HEMMINGS, 2009: 215). Essa visão, de acordo com Clare Hemmings, tende a atribuir às feministas pós-estruturalistas o pioneirismo por questionar a validade analítica da categoria “mulher” e a afirmar, por exemplo, o caráter essencialista da produção da década de 1970. Igualmente, essas análises, centradas no feminismo anglo-saxão, estabelecem uma linearidade nos estudos feministas a partir de

* Doutora em História (UFRGS), Professora do Centro de Ciências Humanas (UCS/RS).

¹ Utilizarei o termo feminismo na conotação de “pensamento intelectual” e “movimento” feminista para designar o ativismo político militante, embora nem sempre seja fácil identificar onde termina a ação teórica feminista e inicia uma prática militante, pois estas duas esferas estão intrinsecamente relacionadas. O feminismo, enquanto pensamento teórico pressupõe, igualmente, uma prática política.

² Um exemplo desta divisão pode ser encontrada em obras como a de TELLES, Maria Amélia. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

alguns recortes e escolha de autorias, que deixam de fora outras narrativas. (HEMMINGS, 2009, p.224-225). A partir das considerações de Hemmings penso que é importante revisitar alguns escritos de feministas que contribuam para pensar outras trajetórias possíveis.

No Brasil dos anos de 1960, algumas intelectuais³ questionavam o conhecimento que se detinha sobre a população feminina. Heleieth Saffioti foi uma dessas mulheres que, na década em questão, buscava construir sua carreira acadêmica e, para isso, necessitava defender uma tese de livre docência na Faculdade de Ciências Humanas e Letras de Araraquara. Em 1967 Saffioti defendeu sua tese de livre docência que, dois anos depois, resultou na publicação de um livro cujo foco era analisar a situação da população feminina no Brasil dentro de uma perspectiva histórica que reconhecia a configuração de uma sociedade patriarcal e chegava às formas de exploração do capitalismo moderno sobre as mulheres.

Este trabalho utiliza como fonte principal a segunda edição do livro e uma entrevista realizada com Saffioti em 2008⁴. Essas fontes serão confrontadas na perspectiva de problematizar como pensadoras feministas buscaram um processo de legitimação no campo intelectual brasileiro. Direcionarei meu olhar sobretudo às apresentações do livro.⁵ A escolha preferencial pelo exame de prefácios considera as reflexões de François Hartog, para quem estes constituem “pontos de observação a partir dos quais [...] se pode apreender um projeto historiográfico singular, configurações do saber, conjunturas intelectuais e políticas. (HARTOG, 2001: 10)

³ A noção de intelectualidade usada neste trabalho parte de uma definição realizada por Michael Löwy em seu livro *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, p. 1, citado por Ridenti, Marcelo. *Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60?* In: BASTOS; RIDENTI; ROLLAND (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003. A intelectualidade é tomada como um grupo social que são os produtores diretos da esfera ideológica: pesquisadores, escritores, artistas, poetas, filósofos, publicistas, jornalistas, professores e até mesmo estudantes. Essa definição é útil considerando que o foco da análise porque nem sempre as pensadoras identificadas com o feminismo atuaram dentro de um âmbito catedrático (e em boa medida ainda não atuam). Jornalistas, escritoras, livres pensadoras feministas se tornavam produtoras de conhecimentos e contribuíam para a divulgação e popularização das idéias feministas.

⁴ A íntegra da entrevista está disponível em minha tese de doutorado: MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Com a palavra o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960*. Porto Alegre, PPGH/UFRGS, 2008.

⁵ A apresentação é composta de um “prefácio” escrito por Antônio Cândido de Mello e Souza e uma Nota Preliminar, escrita pela própria autora.

Um estudo sobre as relações entre intelectualidade e feminismos deve considerar a reciprocidade com um contexto de produção amplo no qual estas idéias se desenvolveram bem como seus vínculos com um campo específico das relações sociais. Trata-se do que Bourdieu denomina de **Campo Intelectual**, conceito que se refere ao funcionamento de uma sociedade intelectual, suas regras de legitimação. Para Bourdieu, o campo intelectual pode ser entendido como um campo de forças que opõe e agregam os agentes ou sistemas que o integram. (BOURDIEU, 1969) O conceito de campo pode ser válido na tentativa de compreender os modos como o feminismo se constituiu como uma destas linhas de força. Todavia, antes de ser um sistema estável, o campo pode ser pensado como um lugar onde operam múltiplas regras, relações de poder e legitimação que, embora obedeçam a uma lógica própria estão propensas a sofrer os efeitos de agentes inovadores, bem como a influência de outros campos, como sinalizou o próprio Bourdieu em escritos posteriores:

Assim, para construir realmente a noção de campo, foi preciso passar para além da primeira tentativa de análise do “campo intelectual” como universo relativamente autônomo de relações específicas: com efeito, as relações imediatamente visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual – sobretudo as interações entre os autores ou entre os autores e editores – tinham disfarçado as relações objectivas entre as posições ocupadas por esses agentes, que determinam a forma de tais interações. (BOURDIEU, 2006: 65-66)

É necessário atentar para os mecanismos que fazem com que determinadas concepções intelectuais, hegemônicas até certo momento, passem a ser postas em dúvida. As relações de poder dentro de um campo intelectual, como ressalta Burke, são permeadas por disputas entre grupos tradicionais e grupos que representam a inovação:

Como se constrói uma nova concepção de classe (digamos) ou de gênero? E quem é esse “sujeito indeterminado” encarregado dessa construção? Como podemos explicar a aceitação das inovações? Ou ainda, examinando o problema de um ângulo diferente, é possível explicar por que as concepções tradicionais deixam de convencer certos grupos em determinadas épocas? (BURKE, 2002: 171-172)

Os questionamentos realizados por Burke contribuem para pensar quais são os mecanismos de legitimação utilizados por grupos inovadores para questionar saberes tradicionais. É preciso examinar os mecanismos de força, de poder, de tensões e reconhecimento manifestados na relação entre pensamento feminista e intelectualidade brasileira. O interessante da utilização do conceito de campo é que ele permite

compreender o pensamento intelectual em seus meandros, rompendo com uma noção comum de que o pensamento pode ser interpretado apenas a partir de uma perspectiva hermenêutica (interna ao próprio discurso intelectual) ou apenas desde um contexto de produção (externo ao campo intelectual).

2. O feminismo e as inovações no campo intelectual brasileiro

Como o feminismo galgou espaços dentro do campo intelectual brasileiro? Nesse percurso, quais as tensões visíveis na escrita de Heleieth Saffioti com a teoria feminista? O conceito de campo intelectual, tratado na primeira seção deste trabalho, ajuda a compreender a tensão gerada com o termo feminismo. A identificação com problemáticas comuns à teoria feminista não implicava, necessariamente, que intelectuais assumissem uma postura de identificação pública com este pensamento. Um exemplo disso é encontrado na nota preliminar do livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, redigida para a primeira edição (1969). Nela, Saffioti dizia que seu livro não era uma obra feminista:

Se esta obra não se dirige apenas às mulheres, não assume, de outra parte, a defesa dos elementos do sexo feminino. *Não é, portanto, uma obra feminista.* Denuncia, ao contrário, as condições precárias de funcionamento da instituição familiar nas sociedades de classes em decorrência de uma opressão que tão somente do ponto de vista da aparência atinge apenas a mulher. (SAFFIOTI, 1976: 14)

É curioso notar o esforço da autora por evitar que sua obra fosse, eventualmente, associada pelo público leitor a um conteúdo feminista. Nesse empreendimento, ela afirmava que o livro não se dirigia apenas a um público de mulheres, e menos ainda à defesa do sexo feminino. O seu livro pretendia denunciar as condições precárias da instituição familiar. Segundo a autora, a ideia de que apenas as mulheres eram atingidas pela opressão era fruto das aparências. Considerações autorais à parte, o título do livro remetia a uma questão central: os mitos a que estavam sujeitas as mulheres na sociedade de classes. Na entrevista realizada com a socióloga em 2008, ela sugeriu algumas pistas sobre o que a motivou a afirmar o caráter não feminista de seu livro:

Hoje eu não faria. Porque eu ia muito à televisão, me convidavam muito e toda a vez que eu ia à televisão, você sabe, o que interessa para este tipo de

sociedade é denegrir o feminismo. Eu escrevi um artigo fazendo uma classificação dos feminismos, não sei se você conhece, é velho esse artigo, trata do feminismo liberal, socialista, são cinco tipos de feminismo. Hoje a minha compreensão de processo é diferente.[...] Ah, sim, veja bem, não é que eu não fosse feminista. É que os meios de comunicação pegavam sempre o que era pior para usar como rótulo de feministas. Então, houve uma corrente que nunca foi muito expressiva mas que era a pior que era das feministas radicais. Elas nunca foram radicais do ponto de vista político. Elas eram radicais porque advogavam uma sociedade só de mulher. E eu sou partidária do radicalismo, mas do radicalismo político, o que este não era. Toda a vez que eu ia à televisão ou ao rádio eu tinha que explicar de que feminismo eu era, por isso que saiu assim.(SAFFIOTI, 2008: 290)

A entrevista deixa transparecer que um dos motivos que levou Heleieth a negar o caráter feminista do livro era uma tentativa de evitar rótulos em relação ao seu trabalho. O modo pejorativo como os meios de comunicação se referiam ao feminismo tornava desinteressante qualquer identificação de seu trabalho com estas idéias. Por outro lado, a socióloga reconhecia que havia um desconhecimento sobre os diferentes matizes do pensamento feminista. Na entrevista, Saffioti salientava que o ponto de vista de certas vertentes do feminismo norte-americano não se confundia com o seu pensamento. Ao longo do livro, Saffioti analisou diferentes vertentes do feminismo sem explicitar a qual delas se filiava. Tudo indica uma tentativa de neutralizar (ou desconhecer) essa identidade que poderia, no campo intelectual, ser confundida com uma bandeira política “perigosa”. Por outro lado, é plausível que o preconceito que o termo provocava fosse responsável pela dificuldade particular de Saffioti em assumir uma identidade teórica feminista. No Brasil, o feminismo não era visto com bons olhos. Posições conservadoras – tanto de direita quanto de esquerda – criticavam as mulheres que aderiam a tais idéias, acusando-as ora de querer destruir as famílias e a ordem natural da vida, ora de deturpar a luta de classes.

O contexto intelectual do período era influenciado pela corrente cepalina, preocupada em analisar as relações de subordinação dos países do hemisfério sul em relação à supremacia do desenvolvimento norte-americano e europeu; enfatizava as contradições entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, como elemento central para compreender a realidade social. Neste cenário se desenvolveram os estudos voltados para a problemática das relações sociais entre os sexos, ao que tudo indica, algo que não combinava com o *status quo* científico do momento. Pesquisar, escrever livros que trouxessem à luz a situação da mulher no Brasil significava, de certa forma, um desvio à problemática central das análises intelectualizadas da época. A principal contribuição

teórica de pesquisas como a de Saffioti era questionar a noção corrente de que a sociedade pudesse ser interpretada através de uma ou duas categorias homogêneas.

Heleieth Saffioti dialogava com vertentes consolidadas no pensamento social brasileiro. Todavia, essa conversa ocorria com questionamentos e divergências. Por exemplo, a socióloga se referia ao erro de uma sabedoria convencional que tentava explicar a inferioridade feminina limitando a situação social da mulher à esfera doméstica. Tais explicações, de acordo com Saffioti, salientavam o patriarcalismo como um aspecto que limitava a atuação das mulheres ao domínio masculino legitimado na vida privada. Concepções como estas - a autora apontava - eram encontradas em alguns clássicos como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.⁶ Contradizendo essas análises, Saffioti procurava inserir a população feminina em todas as estruturas sociais.

Todavia, a autora compartilhava ideias consolidadas no meio intelectual, como, por exemplo, o estágio inferior de desenvolvimento do capitalismo Brasileiro. Para ela, a relação das estruturas econômicas do país com o capitalismo mundial era determinante de características específicas para os papéis femininos na sociedade brasileira. O raciocínio predominante ao longo do livro *A mulher na sociedade de classes* segue um eixo central: o estágio de atraso do Brasil em relação aos países de capitalismo central fez com que a situação feminina formasse aqui características específicas mas que só podiam ser compreendidas ao comparar a unidade nacional dentro de uma totalidade capitalista mais ampla. Ou seja, a hipótese então defendida por Saffioti era que a análise das questões femininas deveria considerar sua materialização dentro de uma unidade nacional dialeticamente vinculada à função que esta exercia no capitalismo mundial:

Dado que a sociedade brasileira se encontra e sempre se encontrou em estágio menos avançado, no que respeita à sua constituição enquanto sociedade de classes, em relação às nações que integram o núcleo do capitalismo mundial, os papéis femininos sofreram, aqui, certas mudanças que não encontram explicação convincente se a unidade nacional for tomada como a totalidade inclusiva. Cada vez mais se impõe a necessidade de tomar-se como totalidade histórica inclusiva o sistema capitalista internacional dentro do qual as sociedades e globais nacionais não são senão

⁶ Casa Grande e Senzala é uma análise importante sobre o cotidiano e da vida privada na estrutura social do Brasil. Na obra, é perceptível que a mulher aparece integrada (à casa grande – no caso das brancas – ou à senzala, no caso das negras) como objeto do patriarcalismo. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.p. 517.

subsistemas que, embora guardando um mínimo de autonomia funcional, mantêm, com o sistema geral e com o seu núcleo, uma identidade fundamental. [...] A análise, mesmo que vise à explanação das questões femininas no modo capitalista de produção em geral, ultrapassando o nível de sua realização nos subsistemas constituídos pelas sociedades nacionais, deve captar não apenas o movimento do real e do essencial, mas também a relação dialética por eles mantida. (SAFFIOTI, 1976: 13-14)

Aqui é possível observar uma tensão existente entre a produção de uma obra que se propõe a inovar em termos de novos parâmetros do saber, mas que, concomitantemente, compartilha filiações com o pensamento intelectual consolidado. Conforme a autora, era preciso, para analisar a situação da população feminina, considerar que o Brasil possui vínculos com o capitalismo mundial e com seu núcleo central. Este vínculo, de acordo com a autora, era definido por uma situação de dependência da estrutura da economia brasileira com o capitalismo central que gerou um atraso no desenvolvimento. A análise demonstra uma proximidade teórica aos desenvolvimentistas e aos marxistas, duas vertentes que não direcionavam suas análises para os temas estudados por Saffioti. Quando muito, a situação da mulher era avaliada como um subproduto dos antagonismos entre as nações desenvolvidas e subdesenvolvidas e as contradições de classe.

Neste contexto, para construir sua proposta de trabalho, Saffioti soube se servir de diversas categorias de análise consagradas pelo universo intelectual brasileiro da época, tais como: nação, classes, unidade nacional, totalidade histórica, modo capitalista de produção, sistemas e subsistemas, autonomia, dependência. Estes conceitos não são meras palavras que constituem um vocabulário usual da época. Eles podem apontar o relacionamento intelectual com uma rede de pensadores que se dedicavam a estudar as relações de autonomia/dependência do Brasil (e da América Latina) com o sistema capitalista internacional. Vale frisar que se tratavam de construções teóricas que relegavam as discussões sobre “a realidade das mulheres” a um subproduto de contradições maiores, considerando, ao menos aparentemente, que tal temática não seria essencial para a compreensão das estruturas sociais dos países ditos “dependentes”.

Ao mesmo em tempo que Saffioti representava uma linha de filiação com esta tradição, ela questionou alguns de seus pontos nevrálgicos. Propôs uma mudança de perspectiva ao considerar, junto à noção de classe social, a categoria sexo como uma possibilidade de interpretar a realidade social. Assim, a obra de Saffioti compartilha de

conceitos já integrados dentro do pensamento intelectual brasileiro. Porém, ela propôs algumas inovações teórico-metodológicas ao considerar que a categoria “sexo” poderia determinar padrões de ocupação e relacionamento no espectro social e econômico que eram estruturantes do sistema capitalista. E como essas tentativas de “reinterpretações” foram recebidas por seus pares?

O prefácio do livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* foi escrito pelo sociólogo Antônio Cândido de Mello e Souza, que havia sido professor de Heleieth Saffioti na USP e participou de sua banca de livre-docência. Ao comentar sua relação com o então orientador, Florestan Fernandes, Heleieth recorda que se identificava mais com Antônio Cândido, apesar da formalidade que marcava sua relação:

Muito a crítica metodológica porque meu livro era escaradamente marxista e Florestan, a meu ver, foi socialista do ponto de vista político mas como intelectual não. Quando ele leu (e eu já trouxe prontinha a tese, não havia mais mudança) aí ele leu e disse: “mas você é muito boba, ter dividido em três partes” A primeira e segunda ele achou que devia ser a livre docência. E a terceira ele achou que devia ser do concurso de cátedra. Mas eu já quis fazer com tudo e fiz e não parei de produzir então é curioso porque eu acho que eu me identifico muito mais com Antônio Cândido de quem eu fui aluna em sociologia, na última turma antes dele bandear para a Teoria da Literatura, mas ainda é “O Professor”, eu sou a “Dona Heleieth” para ele, ele sempre foi muito formal e nunca me apadrinhou; Mas, com Florestan é curioso porque ele foi rigorosíssimo e eu entrei pagã nessa história, eu podia ter sido reprovada. Eu pensava: “será que ele finge que eu sou a aluna do coração dele porque não é possível, falou tão mal da tese e quer que eu vá para a livre-docência, na docência ele vai reprovar”. Olha, eu fiquei uns quinze dias sem poder trabalhar pensando nisso. Aí como eu sempre tomei tudo como desafio, eu falei: “vou mostrar para ele quem sou eu”; sentei e fiz as mudanças que me pareceram corretas. As outras eu não fiz, às vezes até acentuei meu ponto de vista e ele foi genial porque ele aceitou. (SAFFIOTI, 2008: 286)

As dificuldades enfrentadas por Heleieth no processo de orientação do seu trabalho, ao que tudo indica, tiveram como resultado uma produção autônoma da tese de livre-docência. Ela recorda que sua trajetória intelectual foi realizada sem apadrinhamentos, ou, em suas palavras, de ter entrado “pagã” para sua defesa de tese indica as dificuldades encontradas para afirmar um trabalho – identificado por ela na ocasião da entrevista como marxista e feminista - em um contexto histórico desfavorável. Ao mesmo tempo, essa voz que recorda a falta de apadrinhamento traz à tona a memória de um êxito, de uma vida acadêmica que é lembrada por desafios. A boa

relação com o ex-professor talvez explique o fato de que o prefácio de *A mulher na sociedade de classes* tenha sido redigido por Antônio Cândido e não pelo orientador, Florestan Fernandes. O antigo mestre destacou que o livro se tratava de “uma sólida contribuição ao estudo da mulher na sociedade”, tecendo elogios a uma “combatividade intelectual” presente na obra, salientando que:

O grande mérito da autora foi não separar o problema da mulher dos problemas gerais da sociedade, mostrando como formigaram racionalizações ideológicas ligadas à estrutura social e às formas de dominação. (...) Sobre esta base, levanta a segunda parte, referente à condição da mulher no Brasil, discriminando elementos peculiares à nossa formação histórica e à nossa organização social. (Prefácio de Antônio Cândido de Mello e Souza, 1976: 9)

O prefácio demonstra um reconhecimento do trabalho de Heleieth por parte de seus pares, pelo campo dentro do qual ela fez sua formação e, a partir de seu trabalho, passava a integrá-lo. Entretanto, esta integração ao campo intelectual revelava tensionamentos, ao propor um tema/problema de investigação pouco abordado e que, de acordo com o prefácio, apresentava ineditismo da abordagem teórica e metodológica. Apresentado por um nome respeitadíssimo do campo intelectual brasileiro, o prefácio do livro é um sinal de aceitação da obra de Heleieth Saffioti por parte da Academia. Com efeito, a própria circunstância de passar por uma banca, composta por seus antigos professores, é parte de um dos tantos rituais que compõe o campo intelectual. A história de Heleieth Saffioti é uma demonstração de que havia espaços para visões não tradicionais, mesmo que esses espaços tivessem que ser conquistados. Esse caminho de “conquista” seria mais fácil se houvesse interlocutores dispostos a orientar teses, a apresentar livros. Apesar das divergências, Antônio Cândido de Mello e Souza e Florestan Fernandes, eram sociólogos identificados como marxistas, assim, Saffioti buscou apoio entre aqueles que mais se aproximavam de suas opções teóricas e metodológicas. Contudo, a inovação de seu trabalho residia na escolha pela aproximação das categorias classe e sexo. Inovação que, para legitimar-se, necessitaria do aval de seus semelhantes. Seu trabalho, no entanto, não pode ser visto como uma continuidade aos estudos de nenhum de seus mestres. Ele apresenta uma visível inovação, em especial na temática. O custo desta inovação talvez tenha sido a necessidade de realizar uma caminhada mais solitária na construção de sua trajetória intelectual, percurso muito comum quando se opta por estudar temas que ainda são marginais nos espaços acadêmicos.

Em seu livro, Saffioti chamou a atenção para o fato de que a hierarquia entre os sexos era um fator estruturante do sistema capitalista: “A valorização da força física do homem serve de justificativa à hierarquização dos sexos. [...] Preconceitos de raça e sexo desempenham, pois, um papel relevante quer na conservação do domínio do homem branco, quer na acumulação de capital”.(SAFFIOTI, 1976: 47) Examinava que outras contradições, e não apenas a de classe, organizavam o processo de extração da mais-valia. Essa análise era inovadora mesmo no interior do marxismo.

A proposta de análise enunciada na obra lançava um questionamento sobre as explicações tradicionais, baseadas em um discurso pretensamente científico, que mantinham a mulher na condição de “segundo sexo”. Heleieth Saffioti alertava para as múltiplas dimensões que repercutiam na condição feminina: “A emancipação feminina é, pois, problema complexo cuja solução não apresenta apenas uma dimensão econômica.” Para ela, mesmo uma mulher com autonomia econômica sofria “o impacto de certas injunções nacionais e internacionais”. A socióloga concluía afirmando que “desde o desenvolvimento da indústria farmacêutica até as ideologias, tudo reflete na condição feminina”. (SAFFIOTI, 1976: 87)

Mas como reivindicar um espaço legítimo para essa “sabedoria não convencional”? A filósofa espanhola Celia Amorós assinala que a experiência das mulheres no campo intelectual pode ser um caminho de aproximação com o feminismo:

Cada cual traduce y elabora su experiencia del mundo en las claves e instrumentos que le da para pensarla su propia formación-deformación profesional, lo que siempre es, por un lado, una limitación, pero, por otra, la condición de posibilidad de nuestra propia plataforma reflexiva. A su vez, en función de tal experiencia volvemos reflexiva y críticamente sobre ciertos supuestos de nuestra propia práctica profesional, para redefinir su sentido y hacer con ella determinados reajustes valorativos. Pues si somos capaces de pasar, como sobre ascuas, sobre el propio discurso que teórica y prácticamente nos discrimina, sin habernos visto nunca llevadas a poner nada en cuestión, esa misma capacidad de asumir indiscriminada y esquizofrénicamente el discurso del Otro que nos debería poner en cuestión a nosotras mismas como investigadoras y profesoras de filosofía.(AMORÓS, 1991: 11)

Ao mesmo tempo em que o campo intelectual oferece um repertório limitado de ação, ele também possibilita uma reflexão sobre elementos cotidianos que geram, por exemplo, condições diferenciadas para a ascensão profissional de homens e mulheres. O que se verifica a partir dos anos de 1960 é o estabelecimento de uma nova prática, em que

questões teóricas inovadoras se insurgem para estabelecer um contraponto às concepções tradicionais. Na nota preliminar do seu livro, Saffioti deixa entrever uma percepção sobre as mudanças que estavam em curso no tempo da publicação da obra. Iniciou a nota preliminar de seu livro com uma citação da obra de John Kenneth Galbraith, *A Sociedade da Abundância*: “[...] o que distingue a sabedoria convencional é a aceitabilidade, o merer a aprovação daqueles a quem se dirige [...]”(GALBRAITH, citado por SAFFIOTI, 1976: 13). Para Saffioti, havia um crescente descompasso entre as transformações no mundo que exigiam um papel cada vez mais dinâmico das mulheres na sociedade e, em contraponto, o que a autora chamou de mística feminina. Esta mística seria um conjunto de idéias e práticas sociais que tentava reafirmar a inferioridade feminina, conduzindo, de acordo com a própria autora, a “concepções fechadas de masculinidade e feminilidade”. Quanto aos objetivos de seu trabalho a autora foi enfática: “expor as flagrantes incongruências entre um mundo em mudança e idéias consagradas sobre a condição da mulher nas sociedades competitivas”. (op. Cit. 13)

No prefácio do livro a autora parecia estar convicta do seu papel intelectual: a contestação aos saberes tradicionais. Ainda dentro da nota preliminar, a autora anunciava: “Este livro dirige-se a todos, homens e mulheres, quantos não se acomodaram na sabedoria convencional e àqueles cuja postura mental oferece-lhes possibilidades de abandonar tal acomodação”. E Saffioti prosseguia com uma narrativa que dialoga com o feminismo ao clamar pela insurgência coletiva:

Insurge-se, portanto, [o estudo] contra a sabedoria convencional na medida em que esta faz parte constitutiva do conjunto de mitos que situam a mulher, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, num plano inferior àquele em que está colocado o homem e que tentam explicar tal inferioridade em termos de uma evolução desarmônica da sociedade. A família seria, pois, segundo tal postura, aquela esfera da vida social, dentre as que mais afetam a condição feminina, que com maior vigor teria resistido à mudança. Os fatos, todavia, discordam de tal afirmação. A descoberta desses fatos, por si só, constitui uma desmistificação e, neste sentido, passa a construir a sabedoria não convencional e mesmo anticonvencional.(Idem, p. 13)

A autora recorda que tomou o termo do economista John Kenneth, quando este afirmava que “a sabedoria convencional manifesta-se em todos os níveis de conhecimento.” Na entrevista, ela lembrou o que pretendia demonstrar em seu livro: “Enquanto a estrutura material contiver lugares para o homem e para a mulher não se desmontará a ideologia patriarcal. Agora não me venham com a história de que a

ideologia patriarcal vai demorar setecentos anos pra cair, ela pode cair logo, pode demorar muito mais, depende dessa estrutura material”. (SAFFIOTI, 2008: 299-300) Seu livro possui, na primeira parte, quatro subtítulos tratando, respectivamente, dos temas: níveis de consciência do problema da mulher, a perspectiva socialista, a Igreja Católica e, por último, a “solução” feminista.⁷

Mais adiante, a terceira e última parte do livro está dedicado a discutir “A mística feminina na era da ciência”, tendo dois tópicos destinados a discutir o papel da psicanálise e da antropologia. Para Saffioti, o conhecimento científico era assentado em antigos paradigmas que sustentavam a sabedoria convencional, completando que: [...] Não se trata, pois, de iniciar uma competição com a sabedoria tradicional. Ao contrário, trata-se de situá-la como parte integrante dos mitos, já que não corresponde à realidade observada aqui exposta e analisada. (SAFFIOTI, 1976: 14) Verifica-se, ao longo do livro, a formulação de um discurso que tenta opor o novo ao velho. A sabedoria intitulada de tradicional é considerada um mito, que - superado pela realidade - vigorava arraigado a lugares intelectuais e sociais. A este saber-mito a autora opõe um novo saber, sustentado na observação e na análise da realidade, sob um olhar pautado por uma nova postura mental. Saffioti defendia que para compreender um mundo em mudanças, era necessário analisá-lo também por novos prismas. As categorias que até então haviam produzido verdades absolutas estavam sendo postas por terra não apenas por novas ideias, como principalmente pelo curso da história. As novas formas de conhecimento eram o resultado direto das transformações que o mundo vivenciava. Em seu livro, há um discurso que ressaltava as modificações sociais, tecnológicas e econômicas e que tratava de demonstrar o quanto estas transformações intensificavam-se em sua experiência histórica. Saffioti identificava o século XX como a sociedade do capital, procurando em seu estudo, compreender como as relações entre as categorias sexo e classe criavam intersecções com o funcionamento do sistema capitalista. Explicitava seus objetivos da seguinte forma:

[...]a desvendar as verdadeiras raízes deste alijamento justificado ou em termos de uma tradição, conforme à qual à mulher cabem os papéis domésticos ou, de maneira mais ampla, todos aqueles que podem ser desempenhados no lar, ou por teorias cujo conteúdo explicita pretensas deficiências do organismo e da personalidade femininos.(SAFFIOTI, 1976: 15)

⁷ As aspas são da autora.

Conforme Saffioti, as sociedades de classe não foram lançadas ao mundo econômico pelo capitalismo, porém, este sistema apropriou-se de certas tradições e papéis sociais existentes nas sociedades pré-capitalistas para promover o que ela chamou de exclusão da estrutura ocupacional. A mulher na sociedade de classes vivia presa a uma tendência que o capitalismo desenvolveu de renovar constantemente “as crenças nas limitações impostas pelos caracteres naturais de certo contingente populacional[...]”. (SAFFIOTI, 1976: 29) Para a autora, a sociedade de classes incorporou a categoria sexo - presente no pensamento tradicional - como um fator de discriminação. A questão norteadora do trabalho de Saffioti resumia-se a perguntar: “Cabe, pois, indagar se à mulher, enquanto membro da categoria de sexo sempre dependente e submissa, o sistema em questão chegaria a oferecer plenas possibilidades de integração social”.(Ibid, p.31)

Retomando a questão inicial, em que medida a obra de Saffioti se identificava com o pensamento feminista se a própria autora não assumia este caráter em seu livro? O livro de Saffioti pode ser interpretado como um pensamento inovador que surgia no cenário brasileiro. E talvez o sinal mais evidente dessa leitura feita pelo público estava justamente no fato da própria autora realizar um esforço concreto em se desvincular do feminismo. A tentativa de afirmação no campo intelectual, em um primeiro momento, teria contribuído para rechaçar o feminismo, temendo que seu trabalho fossem vítimas do estereótipo que cercava este conceito. Todavia, os textos, e as palavras por eles registrados, podem ser dotados de uma autonomia que deriva, como aponta Ricoeur, da própria emancipação do texto em relação ao autor:

Esta emancipação em relação ao autor encontra o seu paralelo do lado daquele que recebe o texto. Diferentemente da situação dialogal, em que o frente a frente é determinado pela própria situação de discurso, o discurso escrito chama a si um público que se estende virtualmente a quem quer que saiba ler. É aqui que a escrita encontra o seu efeito mais considerável: a emancipação da coisa escrita em relação à condição dialogal do discurso; daí resulta que a relação entre escrever e ler já não seja um caso particular da relação entre falar e ouvir.(RICOEUR, 1986: 119)

Por essa razão, não era preciso que Heleieth “confessasse” seu feminismo. Suas ideias, paulatinamente, passaram a ser lidas e interpretadas como parte do pensamento feminista. Seu livro fala desde um lugar na intelectualidade e evidencia

posicionamentos teóricos/políticos. A produção das teóricas feministas talvez se diferencie por não pretender se esconder por trás das brumas da neutralidade científica.

O pensamento feminista no Brasil dos anos de 1960 encontra limitações analíticas e teóricas. Foi, contudo, relevante ao colocar sob suspeita a chamada “sabedoria convencional” e revelar aspectos sociais que não constavam dos debates intelectuais da época. Ao contrário das críticas normalmente dirigidas ao trabalho de Saffioti (essencialista, economicista, datada, entre outras), a reflexão sobre seu primeiro livro mostra análises complexas de temas ainda contemporâneos pensamento feminista. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* é um livro que merece novas releituras e interpretações. Ainda é prematuro avaliar as repercussões de toda a produção de Heleieth Saffioti, que infelizmente faleceu em dezembro de 2010. Mas *A mulher na sociedade de classes*, lançado no final dos anos de 1960, é uma obra que pode integrar o mosaico de histórias dos feminismos no Brasil.

Fontes:

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976. [2ª edição].

SAFFIOTI, Heleieth. Entrevista realizada em 20/07/2008. In: MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Com a palavra o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960*. Porto Alegre, PPGH/UFRGS, 2008.

Referências Bibliográficas:

AMORÓS, Célia. *Hacia una crítica de la razón patriarcal*. 2. ed. Barcelona: Anthropos, 1991.

BASTOS; RIDENTI; ROLLAND (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual y proyecto creador. In: AA. VV **Problemas del estructuralismo**. México: Siglo XXI, 1969.

_____. A gênese dos conceitos. In: **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Unesp, 2002.

HARTOG, François(org). **A história de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Revista Estudos Feministas**, V.17, n.1, UFSC, 2009.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Com a palavra o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960.(Tese de Doutorado) Porto Alegre, PPGH/UFRGS, 2008.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação.** Portugal: Rés Editora, 1986.